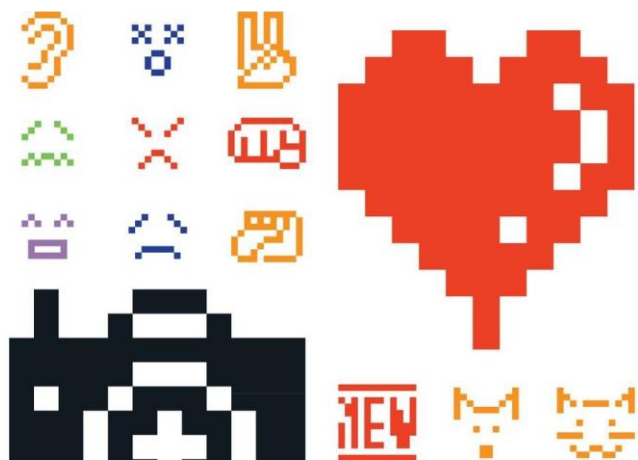


A ORIGEM DOS EMOJIS

A segunda e última parte de uma série sobre como nasceram essas gracinhas, a linguagem dos tempos modernos

Keith Houston, com tradução de Matheus Rocha

18/10/2018 - 08:00 / Atualizado em 20/12/2018 - 19:19



Parte dos 176 emojis originais adquirido pelo acervo do MoMA Foto: Reprodução . Como vimos na parte 1, publicada na edição da semana passada de ÉPOCA, o emoji não surgiu do nada. Ao desenhar seus ícones, Shigetaka Kurita selecionou assuntos que seriam ao mesmo tempo reconhecíveis e úteis no contexto do novo serviço de internet móvel da DoCoMo. Carinhas sorridentes (😊) e corações (❤️) transmitiam

emoções; trens e aviões alertavam sobre a compra de tiquetes; controles de videogame denotavam jogos de celular e por aí vai. Mas o modo pelo qual emojis eram e são representados — misturados entre nossas letras e palavras enquanto são simultaneamente diferentes delas — sempre foi tão importante quanto seu conteúdo. Nesse sentido, emoji deve tanto a antigos papiros, livros medievais e máquinas de escrever quanto deve a pagers e celulares. Parece redundante dizer isso, mas as letras, tanto de nosso vocabulário quanto de outros vocabulários, nunca caminharam sozinhas. Sempre existiram alguns seletos caracteres não alfabéticos fazendo companhia nessa caminhada. Alguns são funcionais, como as marcas de pontuação que formam parte de nossa linguagem escrita; outros são decorativos; e outros vivem em algum lugar entre os dois extremos. Em grego antigo, por exemplo, elaborados corônides marcavam o final de livros e poemas. Em Roma, o K capitular ou “pequenas mãos” sinalizavam o começo de cada seção de um trabalho e, depois, eles se transformaram no marcador de parágrafo (¶). E tanto escribas romanos quanto gregos usavam o hedera, ou folhas de hera (☛), para quebrar longas passagens. Depois, conforme manuscritos substituíam papiros, escribas adicionaram mais marcas auxiliadoras, como os asteriscos (*), cruzeiros (✕) e adagas (†), por meio das quais eles organizavam notas de rodapé e outros elementos similares. Alguns símbolos eram tão importantes que viravam tarefa para escribas especializados, chamados de “rubricadores”. Eles lhes adicionavam tinta vermelha ou azul depois de uma passagem. Leitores também não poderiam resistir a embelezar as páginas com suas próprias marcas, muitas das quais tomavam a forma de pequenas mãos, apontando passagens dignas de ser marcadas. Algumas dessas marcas iam para as páginas impressas, a despeito das dificuldades de imprimir múltiplas cores, o que significava que os rubricadores ainda eram chamados para adicionar cores manualmente. O marcador de parágrafo (¶) era uma delas, pintado em espaços em branco no começo de cada página. Quando a crescente maré de livros impressos começou a dificultar a habilidade de rubricadores para pintá-lo, o marcador foi preterido pelo recuo, a forma moderna de representar um parágrafo.

SAIBA MAIS

A CRIAÇÃO DOS EMOJIS É CULPA DOS PAGERS



O desaparecimento desse símbolo foi sintomático de uma mudança mais ampla na sensibilidade tipográfica. A produção em massa não apenas pôs para fora do mercado os rubricadores, como, na busca pela readaptação, muitos impressores privilegiaram uma estética mais conhecida por sua falta de ornamentos. Gutenberg usava apenas letras, abreviações e pontuação feitas manualmente em sua pioneira *Bíblia* de 42 linhas. Já o impressor veneziano Aldus Manutius, algumas décadas depois, sedimentou a tradição com uma série de livros de bolso esparsamente decorados que dariam o tom dos próximos séculos. No fim do século XIX, havia mais rebuliço à espreita, quando a invenção da máquina de escrever precipitou outra mudança na sofisticação tipográfica. Concebida primeiramente como instrumento corporativo, o teclado na máquina de escrever continha apenas letras, números, umas poucas marcas de pontuação e o símbolo de dólar. Até mesmo os dígitos 1 e zero foram omitidos: por que gastar tecla quando as letras “O” e “I” poderiam desempenhar tão bem o mesmo papel? Primeiro, impressores começaram a considerar coisa de grã-fino usar muitos caracteres ornamentais; agora as máquinas de escrever tornaram impossível digitá-los. A era dos caracteres especiais parecia ter chegado ao fim. De fato, a atmosfera árida da máquina de escrever era mais fértil do que parecia ser.

Podia não haver dedos apontando frases ou folhas de hera à mão, mas as letras, os números e símbolos remanescentes poderiam ser combinados para formar desenhos inteiramente diferentes. Então, assim que a máquina de escrever surgiu, secretárias, estenógrafos e escritores criaram uma nova plataforma para a arte da datilografia, na qual caracteres mundanos se tornaram material para uma emergente forma artística. No começo dos anos 80, o teclado da máquina de escrever tornara-se interface para um novo mundo de computadores e redes, e a máquina de escrever estava bem ali, disponível. Interfaces gráficas ainda eram raras — o computador Lisa, fabricado pela Apple, começou a ser vendido em 1983; o Mac um ano depois — e usuários de computador estavam acostumados a processadores de palavras, planilhas e jogos somente sob a aparência dos 95 sinais gráficos do Ascii. (Houve, inevitavelmente, o modismo do “ascii prn” — imagens pornográficas compostas de nada além que símbolos do teclado. Quem poderia prever que a internet seria viveiro para um material tão maldoso?) Foi em um mundo regido apenas por texto que o primeiro ancestral verdadeiro do emoji

nasceu. Compreendendo apenas dois pontos, um hífen e um parêntese, o emoticon, ou :-), foi perfeitamente elaborado para desfazer a desinteressante brancura dos monitores de computador. Emoticons foram descobertos em muitas fontes pré-digitais, como poemas do século XVII:

*Faça-me desmoronar, e sentarei sobre as minhas ruínas (ainda assim esboçarei um sorriso:)
Rasgue-me em pedaços, ainda assim serei paciente em meu necessitar*

E na transcrição de um discurso de Abraham Lincoln:

*Não existe precedente para você
estar aqui (aplausos e sorrisos ;) e eu digo,
em justificativa a mim mesmo e a você,
que não encontrei coisa alguma na Constituição contra*

Mas quase certamente eles são mais erros tipográficos que sorrisos intencionais. O consenso é que os emoticons chegaram mesmo em 1982, em resposta a uma piada que foi mal-entendida em um mural eletrônico na Universidade Carnegie Mellon. Nós damos espaço para uma questão colocada pelo cientista da computação: *Neil Swartz Essa questão não envolve pombos, mas é parecida: Tem uma vela no elevador em cima do suporte preso no meio da parede. Uma gota de mercúrio está no chão. O cabo quebra e o elevador cai. O que acontece com o mercúrio e com a vela?*



Desde que foi inventada, a máquina de escrever mostrou sua capacidade de criar imagens. Ao lado, o retrato da atriz Dorothy Gish feito em 1919 por Kenneth Taylor, um contínuo do jornal Los Angeles Times
Foto: Reprodução

Houve, então, uma reclamação de que derramar mercúrio não era engraçado, independentemente de a história ser falsa ou não. Como uma gozação, Swartz e outros assumiram a missão de discutir como tal mal-entendido poderia ser impedido no futuro. No curso do debate, um colega de Swartz, chamado Scott Fahlman, cunhou as palavras imortais:

Scott E Fahlman :-)

Eu proponho o seguinte caractere para marcar piadas: :-)

Na verdade, é mais econômico marcar coisas que não são piadas, dada as últimas tendências. Neste caso, use: :-)

Abram alas para o emoticon:

A genialidade da sugestão de Fahlman está no fato de que qualquer imagem do rosto humano, ainda que abstrata, provocará alguma reação em quem a enxerga. Sua invenção foi tão elementar que imagens como as dele estão por aí há milênios: alguns afirmam que uma escultura de 4.500 anos encontradas em Nîmes, na França, é o emoticon de sorriso mais antigo. Uma urna de 1700 a.C. encontrada na fronteira da Turquia com a Síria tem um distinto :), e rabiscos semelhantes aparecem em todo lugar, de manuscritos medievais a livros em quadrinhos. Nem a imagem da carinha sorridente é uma invenção moderna. Desenhado em 1963 pelo artista gráfico Harvey Ball, o ícone amarelo sorridente (☺) é a analogia mais próxima de um emoji. Foi adaptado como símbolo para qualquer coisa, de propaganda do Walmart a capas de disco acidhouse. Até mesmo Ingmar Bergman, o taciturno diretor de cinema, entrou na onda da carinha sorridente. Mas obviamente ele escolheu um rosto mal-encarado, desenhado em batom no espelho de seu filme Porto (*Port of Call*), de 1948: “☹”. Sem nenhuma surpresa, as carinhas felizes e tristes de Fahlman caíram no gosto popular, espalhando-se primeiro para outras faculdades e depois ao redor do mundo. O sucesso foi tão grande que elas se multiplicaram. Em novembro de 1982, numa mensagem enviada a um colega do Xerox’s Palo Alto Research Center, James Morris expandiu o léxico.

(:-) para mensagens sobre capacetes de bicicleta

@= para mensagem sobre guerra nuclear para perguntas idiotas

oo quando os “faróis” de alguém forem o assunto

o>-</= para mensagem sobre estar interessado em uma mulher

~= uma vela para destacar mensagens inflamadas

Todas muito criativas e fiéis ao espírito da arte tipográfica de Fahlman. Mas um dos emoticons de Morris antecipou problemas que ainda acometem os usuários de emojis: quando um grupo de pessoas controla uma plataforma, é fácil marginalizar pessoas de fora desse grupo. O emoticon de o>-</=, para mensagem sobre estar interessado em uma mulher, foi tão excludente quanto a predominância de emoji masculino tem sido até muito recentemente. Emoticons tiveram sua primeira atualização em 1986, sob a forma de kaomoji, ou

caracteres faciais. Um ano mais tarde, um japonês chamado Yasushi Wakabayashi começou a assinar os posts de um fórum com o pseudônimo “Wakan” seguido por uma criação de caracteres formando um rosto: (^_^). Como Fahlman, Yasushi mantém uma modesta página dedicada a sua parte na invenção do kaomoji, em que ele explica que queria fazer com que a carinha feliz pudesse ser facilmente entendida pelos leitores. Na verdade, ele queria que sua marca estivesse logo em cima para que as pessoas pudessem ver sem precisar percorrer a imagem mentalmente 90 graus. Talvez isso queira dizer que tanto emoticons quanto kaomojis estão alinhados perfeitamente a seus scripts nativos: emoticons tradicionais ficam no ângulo direito de textos escritos em alfabeto latino, enquanto kaomojis vêm de caracteres japoneses, que são escritos de cima para baixo. Em um primeiro momento, poucas pessoas entenderam o que a coleção de caracteres na assinatura de Wakan significava e, hoje, enquanto kaomoji fica cada vez mais complexo, eles ainda podem ser difíceis de decifrar. O símbolo de dar de ombros (¯_(_/)_/), por exemplo, é relativamente direto, assim como o gloriosamente insano virar de mesa ((ノ ㊦益㊦)ノ 彡└─└), mas outros não são tão facilmente analisados — considere 𠬪*㊦㊦* (um dos muitos kaomojis que significam “fome”) ou (#'∞ ` じ)じ (o ato de bater palma lentamente), por exemplo. Ainda assim, apesar de um começo tímido, de repente os kaomojis de Wakan estavam em toda parte no Japão, tendo lugar ao lado das carinhas felizes de Scott Fahlman como a nova moeda na internet.



Fãs de um time universitário de futebol americano formam um emoji durante uma partida Foto: Icon Sports Wire / Getty Images Isso pelo menos até 1999, quando o emoji entrou com tudo no mercado. Se não era imediatamente nítido que os ícones da NTTDoCoMo estavam destinados a grandes feitos, a migração deles em 1997 para o Gmail e, um ano depois, para o iPhone tornou claro que algo importante estava acontecendo. A procura por emojis no Google aumentou, enquanto as pesquisas por emoticons diminuía. Artigos sobre tecnologia diziam a donos de iPhone do Ocidente como desbloquear os ícones que até aquele momento estavam restritos ao Japão. O destino do emoticons estava selado e, hoje em dia, os :-), ;-P, :-(, e :-D foram completamente substituídos por “☺”, “☹” e muito mais.